

**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico

**Evento:** XXI Jornada de Pesquisa

## **ENXERTO DA HERMENÊUTICA NA DIALÉTICA NEGATIVA E POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES À EDUCAÇÃO<sup>1</sup>**

**Fabio Cesar Junges<sup>2</sup>.**

<sup>1</sup> Pesquisa desenvolvida no estágio de pós-doutorado em Educação nas Ciências da Unijuí, com orientação do professor Dr. José Pedro Boufleuer

<sup>2</sup> Estudante do Pós-Doutorado da Unijuí, através do Programa Nacional de Pós-Doutorado da CAPES, fabiocesarjunges@yahoo.com.br

### **1. Introdução**

Não são poucas as perspectivas filosóficas contemporâneas que questionam os pressupostos do pensamento moderno, principalmente no que diz respeito às questões direcionadas ao mote da fundamentação. Dentre elas, destacam-se a filosofia analítica da linguagem, a estruturalista, a hermenêutica. Adorno, historicamente não integrado em nenhuma destas perspectivas, constitui-se em um expoente no que tange aos questionamentos da fundamentação filosófica moderna. Mesmo não denominando sua filosofia como hermenêutica, seu programa não é desprovido de elementos hermenêuticos. Sua filosofia é filosofia interpretativa e, nesta perspectiva, apresenta contribuições ao campo educacional.

### **2. Metodologia**

A pesquisa é de caráter bibliográfico, concentrando-se em textos de Adorno que não se relacionam diretamente à educação. Esta opção se dá pela razão de que, de modo geral, textos de Adorno que tratam diretamente sobre educação são citados quando se trata de discutir o fazer educacional, como "Educação e Emancipação" e "Educação após Auschwitz". A metodologia aqui adotada é, portanto, de pensar possibilidades do fazer educacional a partir do pensamento adorniano presente em obras, como "A Atualidade da Filosofia", "Escritos Sociológicos" e "Minima Moralia".

### **3. Resultados e discussão**

Conhecedor da tradição recente da hermenêutica e da filosofia heideggeriana em particular, Adorno se constituiu em crítico de Heidegger. Preocupado em reeducar o olhar, Heidegger não elabora uma teoria geral da interpretação como faz Schleiermacher, nem procura dotar as ciências do espírito de um método tão rigoroso quanto o das ciências da natureza, como intenciona Dilthey, mas cava sob o conhecimento científico, o chão da compreensão ontológica, prévia a todo conhecimento de ciência. Adorno, de modo similar a Heidegger, apesar de sua crítica, assume para a hermenêutica um caminho longo e árduo, enquanto atualidade da filosofia e condição de possibilidade do pensamento: a dialética negativa. Por isso, pode-se, de certa forma, falar de enxerto da hermenêutica na dialética negativa.

Para Adorno, a compreensão heideggeriana, que praticamente orientou a hermenêutica posterior e, de certo modo, a filosofia do século XX, tem se ocupado com questões preliminares do pensamento e da reflexão, esquecendo-se de dimensões da realidade humana carentes de sentido. Por isso, a

**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico

**Evento:** XXI Jornada de Pesquisa

hermenêutica, na perspectiva adorniana, deverá ser levada a seus limites, enquanto questionamento da tentação de ser filosofia primeira, exigindo que ela volte, mais uma vez, o seu olhar determinado e radical aos detalhes, às singularidades e ao singelo que manifestam centelhas da existência humana e do mundo em geral. Adorno vê, portanto, possibilidades para a filosofia e para uma filosofia hermenêutica, desde que faça surgir de "dentro do detalhe a centelha hermenêutica" (ADORNO, v. 8, 2003, p. 269).

A filosofia interpretativa de Adorno, assentada sobre a dialética negativa, ajuda a compreender que o "texto" a ser interpretado não possui a verdade absoluta, tampouco é a coisa última ou a última palavra. É antes inconcluso, quebrado, paradoxal e em grande medida entregue a "cegos demônios" (ADORNO, v. 1, 2003, p. 335). Tampouco o sujeito intérprete possui chave hermenêutica segura para chegar à verdade. "A filosofia deve proceder interpretando cada vez mais com a pretensão da verdade, sem possuir nunca uma chave segura de interpretação" (ADORNO, v. 1, 2003, p. 334). Ao invés de uma chave certa, são dados à filosofia apenas indícios fugazes e evanescentes que exigem ser interpretados. Não há, portanto, uma realidade ou um sentido por detrás da realidade que exige uma interpretação, mas apenas entrelaçamentos, razão pela qual são dados poucos resultados ao pensamento interpretativo ou, quando estes se apresentam, a filosofia percebe que continuamente precisa recomeçar, uma vez que o seu primeiro achado é apenas um sinal que se apresenta como um novo desafio que é preciso ser decifrado.

Em termos educacionais, portanto, significa que a educação não tem como função resolver a realidade enigmática por meio de uma figura unificadora que pudesse ser encontrada por detrás da realidade. A ideia de educação aqui perseguida é, por fim, de interpretação da realidade danificada, sem chave interpretativa segura, enquanto esperança de se chegar à verdade em meio à desesperança. Isso significa assumir o caráter interpretativo da educação, em duas direções: como suspeita e como denúncia da realidade e do próprio fazer educacional e, no anseio de se chegar a um pensamento correto e justo, a necessidade de uma verdadeira ascese, a fim de que as fissuras da realidade danificada sejam dilatadas e não novamente enclausuradas no "dizer imediato do positivo" (ADORNO apud SEEL, 2004, p. 20).

A educação, neste sentido, apresenta-se como resistência em confinar a realidade dentro de um princípio de identidade, enquanto mirar a negatividade bem nos seus olhos (Cf. ADORNO, v. 4, 2003, p. 283). Da negatividade determinada poderá cintilar a noção de que o fazer educacional não se transformará em ideologia, conferida pelo olhar com toda a determinação para dentro das brechas, das fissuras, das rachaduras históricas, "alargando-as", na expectativa que salte alguma faísca de esperança, ao mesmo tempo em que esta faísca novamente se consome.

Trata-se de olhar para aquilo que nem mesmo os olhos conseguem ver ou estão dispostos a ver. O que exige um olhar audacioso para as pequenas coisas, para dentro das brechas, das fissuras da realidade enclausurada e sufocada pelo sistema. Essas fissuras revelam sinais, cifras, fios insignificantes da história, a partir dos quais é possível espiar, finalmente, a realidade de um modo diferente, sem que a mesma seja novamente enclausurada em um novo projeto ontológico ou

**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico

**Evento:** XXI Jornada de Pesquisa

idealista. Essas fissuras, no entanto, não são indícios de um outro mundo possível, pois Adorno renega qualquer possibilidade de o pensamento descansar numa síntese inequívoca.

Se as contradições da realidade social não podem ser eliminadas por meio do pensamento, tampouco elas podem ser banidas do próprio pensamento. Por isso, o nomear ou imagear de qualquer positividade significa, ao mesmo tempo, de imediato, falseá-la. A educação, portanto, encontra-se enredada nestas contradições, e não lhe é conferida a tarefa de proferir sequer uma palavra de esperança. Seu olhar possível é o olhar da negatividade determinada. É o olhar de preservação da esperança, apesar de que a esperança de que as coisas possam finalmente ser diferentes do que são, é quase sem esperança.

Além do mais, não são dadas ao fazer educacional nenhuma chave interpretativa segura. Não será possível recorrer à sociologia nem ao idealismo. Este possui uma chave muito grande para uma fechadura muito pequena enquanto que aquela possui uma chave muito pequena para uma fechadura muito grande. As chaves interpretativas terão de ser elaboradas para cada situação específica, a fim de que seus achados, inclusive enquanto chaves interpretativas, não sejam novamente enclausuradas num sistema identificador e petrificador.

#### 4. Conclusão

Portanto, numa sociedade cada vez mais tecnificada, com uma economia de mercado absoluta, com o capitalismo estabelecido como hegemônico, cada vez mais se faz atual um fazer educacional que dilata as fissuras abertas. Mesmo que esta perspectiva, se não extinta ao menos colocada à margem na sociedade e inclusive nas universidades, ou, ainda, induzida a preencher as constantes brechas da sociedade tecnificada com sua palavra consoladora, na perspectiva aqui defendida, o fazer educacional não poderá novamente se converter em ideologia.

O autêntico fazer educacional não só precisa denunciar e desconstruir a busca de alcançar o inalcançável, a essência totalizante, a identidade identificadora, como precisa ainda, após Auschwitz, comprometer-se em preservar a esperança de uma realidade correta e justa, em meio a uma realidade de ruínas provocada pelo capitalismo burguês. Para Adorno, a única forma de utopia "encontra-se essencialmente na negação determinada, na negação determinada daquilo que meramente é e que, com isso, ao se concretizar como falso, ao mesmo tempo sempre aponta para aquilo que deve ser" (TRAUB; WIESNER, 1975 apud MUELLER, 2009, p. 101). Na negação determinada, a esperança poderá se amalgamar em seu contrário, como Adorno reflete ao final de "Minima Moralia": "a negatividade levada à completude, uma vez mirada bem nos seus olhos, se amalgama em escrita inversa do seu contrário" (ADORNO, v. 4, 2003, p. 283). Se há alguma positividade, esta se encontrará na negatividade levada a sua completude.

Algumas faíscas, vez por outra, sobressaem em meio à crítica determinada, sem que as mesmas possam ser enquadradas dentro de um novo sistema conceitual. Estas são apenas sinais, cifras, fissuras a partir das quais é possível espiar uma positividade, mas que tradicionalmente não se teve acesso devido ao sistema conceitual que tudo encobre. As fissuras são importantes porque enaltecem a irredutibilidade da realidade danificada em rupturas, em ruínas. São aí que as centelhas

**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico

**Evento:** XXI Jornada de Pesquisa

de significado faíscam e quando juntadas aparecem repentinamente e novamente se consomem. Metaforicamente, finalmente a luz messiânica cintila no romper da "cortina do santuário", abrindo fissuras, possibilitando espiar a uma só vez todos os crucificados, condenados e escondidos da história.

Por fim, o fazer educacional não possui luz própria. Contudo, a escuridão também não é a última imagem! Sua luz advém da perspectiva da redenção. Uma "luz escura" irrompe em meio à escuridão da sombra de Auschwitz que se estende até os dias atuais. Em meio à sombra, uma faísca de luz, mesmo que escura, revela um novo instante, fazendo com que as coisas se amalgamem em seus contrários, dando, assim, sentido e atualidade à educação.

#### 5. Palavras-chave

Realidade; Chave interpretativa; Esperança;

#### 6. Agradecimentos

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências pelo oportunidade de cursar Pós-Doutorado, através do Programa Nacional de Pós-Doutorado da CAPES.

#### 7. Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor W. Die Aktualität der Philosophie [1931]. In: ADORNO, Theodor W. Gesammelte Schriften, v. 1. Berlim: Suhrkamp Verlag e Digitale Bibliothek, 2003.

\_\_\_\_\_. Einleitung zu Emile Durkheim, "Sociologie und Philosophie" [1967]. In: ADORNO, Theodor W. Gesammelte Schriften, v. 8. Berlim: Suhrkamp Verlag e Digitale Bibliothek, 2003.

\_\_\_\_\_. Minima Moralia. Reflexionen aus dem beschädigten Leben [1945]. In: ADORNO, Theodor W. Gesammelte Schriften, v. 4. Berlim: Suhrkamp Verlag e Digitale Bibliothek, 2003.

MUELLER, Enio R. Filosofia à sombra de Auschwitz: um dueto com Adorno. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2009.

SEEL, Martin. Adorno Philosophie der Kontemplation. Frankfurt: Suhrkamp, 2004.